

1810

8.º anno

Numero 9

O PROGRESSO CATHOLICO

AOS PÉS DO PAPA

SANTISSIMO PADRE

20 DE FEVEREIRO

2 DE MARÇO

QUANDO por toda a terra se erguem hymnos de festival alegria para saudar duas dactas altamente memoraveis na historia da Egreja—20 de fevereiro e 2 de março—permitti tambem que nós, humildes filhos Vossos e os ultimos dos soldados alistados no grande exercito dos que combatem na imprensa pela Santa Egreja de Jesus Christo, nos levantemos do nosso nada para levar junto da cadeira de Pedro, n'estes dias de tão faustoso jnbilo, as nossas felicitações e os protestos da nossa franca, leal, incondicional adhesão a todos os Vossos mandatos, pois que em Vos, Santissimo Padre, reconhecemos o verdadeiro Vigario e Representante de Jesus Christo na terra, o Chefe visivel de mais de dusentos milhões de catholicos, em cujo numero temos a felicidade de contar-nos.

Acceitae Santissimo Padre as protestações d'estes Vossos filhos que de joelhos Vos pedem a Benção, não só para si, mas tambem para aquelles que n'esta cruzada santa nos ajudam, e para todos os assignantes da nossa humilde Revista.

Guimarães, em Portugal 20 de fevereiro de 1886.

A REDACÇÃO DO PROGRESSO CATHOLICO.

1878

VIVA O PAPA!!

Este o grito que se escuta em toda a terra, desde as margem do Tíbre té ás orlas do Tejo; desde as praias do Oceano, té ás ribas do Atlantico; desde as planuras areosas da Africa, té ás verdes florestas da America!

Viva o Papa! E' o grito que soltam mais de 200 milliões de catholicos desde o dia 20 de fevereiro até ao dia 2 de março, porque durante esses dous dias tudo são festas e jubilo, tudo alegrias e consoladoras esperanças para as almas dos filhos da Santa Egreja.

2 de março é o dia em que o Nossa Amantissimo Pae abriu os olhos á luz da vida terrena; 20 de fevereiro aquelle em que fora elevado, por graça do Espirito Santo a occupar o throno dos Papas.

Salve, datas memoraveis nos annos da Egreja de Jesus Christo! Salvé descendente e herdeiro das virtudes de Pedro!

Offertando aos leitores do *Progresso Catholico* o retrato do nosso SS. Padre o Papa Leão XIII, não temos de o acompanhar da biographia do maior vulto da epoca actual; isso para mais tarde. Por agora é nosso unico desejo levar o retrato do Papa a casa de todos os assignantes e amigos do *Progresso Catholico*, tornar conhecido de todos esse bello semblante, onde se espelham todas as virtudes, onde se adivinham todas as graças com que a divina Providencia costuma ornar as almas d'aquelles, que, como Leão XIII, tem de desempenhar a missão mais santa, mais salvadora, mais extraordinaria em meio do grande seculo, do seculo das grandes maravilhas.

Apresentamos o retrato do unico monarcha, que, em meio de todos os avalos sociaes, por entre o desavar dos thronos, o desaparecer das instituições, e o esfacelar das sociedades antigas, se conserva em pé, firme, cheio de vitalidade, como quando á desenove seculos recebia o goverdo do mundo das mãos d'aquelle que á terra viera para dar aos povos a mais ampla, a mais plena liberdade.

Damos o retrato do representante de Jesus Christo na terra, e por isso, do unico principe que não mudou, atravez mais de dezoito seculos, a constituição dos seus estados, que não tranzigiu em nada com as exigencias dos homens de todos os seculos, apparecendo sempre no seu posto, aureolado com a luz que do Ceo recebe, apenas se dissipam os fumos levantados pelas fogueiras dos Neros de todos os tempos, logo que os heresiascas cuem fulminados pelos raios do verdadeiro sol, sempre que os despotas morrem ás mãos dos seus proprios amigos.

E se não vede-O, quando a demagogia inunda de sangue as mais formosas cidades do mundo, e as alastra de escombros; quando as fronte dos reis cahem abatidas pelo orgulho revolucionario, e quando as leis de todos os paizes são amoldadas pelos desejos dos inimigos de Deus, da auctoridade, da propriedade,—vede-O como Elle se ergue sobranceiro a todas as paixões, e mesmo despojado do seu poder, e encerrado, prezo no seu palacio, despede os raios da sua auctoridade divina, ferindo com elles os reis, as sociedades secretas e todos quantos dominam o mundo, ou o querem dominar pelo poder das armas, pelo magico attractivo das más leituras, pela terrivel depravação dos costumes, e pelo mentido prégar de liberdade!

Vede-O fulminar com as suas *Encyclicas* os reis e os povos, os grandes e os pequenos, as academias e as sociedades, e admiraç o pezo que tem a sua voz, a importanciu que se dá ás suas decisões, o panico que se espalha nos adversarios arraias, o salutar effeito que produzem os seus ensinamentos.

Por isso damos o retrato de Leão XIII para que todos ao vel-O repitam o nosso brado:

Viva o SS. Padre Leão XIII!!
Viva o Papado!
Viva a Egreja de Jesus Christo!

Elias de Sampaio.

LEÃO XIII

Rei de Roma, monarcha dos christãos,
oh defensôr da fé,
eu que a nobres não beijo as brancas mãos,
quero oscular-te o pé!

Tu és grande: na terra a magestade
somentemente coube a ti.
Entre humanos, o mais é só vaidade,
tudo é pequeno aqui!...

Fallas? Por tua bocca tão suave,
foi Deus que lá fallou!
Feres? É a mão de Deus tremenda e grave,
teu decreto assellou!

Sorris? E os horisontes docemente,
se inundaram de luz!
Abençôas? É n'alma, em viva enchente,
roreja a graça a flux!...

É veneravel, nobre, essa estatura,
o teu olhar bondoso.
Tens epicas feições e a formosura
d'um heroe luminoso.

O teu rosto convida uma creança!
É' como o de Jesus.
Tem o enorme socego da bonança,
e é meigo como a cruz.

Quem teus olhos fitou, acaso um dia,
sem os volver ao chão?
Quem não sente arder n'elles a magia
de um divino clarão?...

Os teus brancos cabellos, raros, finos,
são feitos de luar.
Sulcam teu rôsto, os traços mais divinos,
abertos a pensar.

Como és grande, no meio da luta ingente,
que vae, por toda a parte!
Como é firme o teu verbo, e a mão fremente,
ergue o santo estandarte!...

Vejo èrma ainda, tua fronte nobre,
de uma insignia real.
Cuidaram impios vencer Roma pobre,
em lucta desigual.

«Eil-a—clamaram loucas multidões,—
eis Roma que expirou!...»
Mas de Deus, contra injustas extorções,
a mão se levantou!...

Em vão te aggride, em vão, o mundo inteiro,
te apupa em meio das praças!
No divino baixel, em que és remeiro,
não tremes d'ameaças.

«Embalde—dizes—rouquejaes sem tino,
embalde, oh escarceus!
Meu fanal é a cruz, e o meu destino,
leva à praia dos ceus!...»

«Rugi rugi, leão da impiedade,
sacode a impia juba!
Apregha as victorias da maldade,
emboca a fera tuba!»

«Cuspi insultos, multidões, cuspi
na morada do Eterno!
Tomae da lança, oh esquadrões surgi,
erguei o proprio inferno!»

«Espuma, espuma, machinando morte,
vaga de povo e reis.
De um fraco velho, contra o braço forte,
jamais prevaleceis!...»

E és soberbo de augusta magestade,
em meio da cerração,
solta a còma, ao varrer da tempestade,
no leme posta a mão!...

Salve, Senhor de Roma, athleta unguido,
rei nos dois hemispherios!
Olhos litos na altura, e à cruz cingido,
tu sorris dos imperios!

Cintra.

Mattos Ferreira,
prior em Sancta Maria.

SECÇÃO RELIGIOSA

A Razão de Estado

Os Martyres

PARA introduzir-se no mundo uma melhor noção do Estado—isto é, de governação justa e liberal, era indispensavel uma nova religião—o Christianismo!

É o Evangelho que derriba as antigas idéas, e que por isso mesmo desmoronára a antiga sociedade e creára os novos tempos.

A primeira vista não parece que o Evangelho fôsse feito para mudar a politica. *O meu reino não é d'este mundo; dae a Cesar o que é de Cesar*, disia Jesus Christo; e S. Paulo, no capitulo XIII aos Romanos, escreve: «Pagai a todos o que lhe é devido: a quem tributo, tributo: a quem imposto, imposto: a quem temor, temor: a quem honra, honra.» A obediencia ao poder estabelecido é a lei do Evangelho.

Mas logo que o Christo acrescenta: *Dae a Deus o que é de Deus*; eis ahi proclamado um novo principio em contradicção com todas as antigas idéas, um desmentido dado a politica romana, uma declaração de guerra ao despotismo imperial. Era uma revolução, e a maior que tinha visto o mundo; o Evangelho, em verdade, diffundira pela terra uma nova doutrina e uma nova vida, e é d'ambas que tem vivido a humanidade ha dezenove seculos, e não percebo que esta divina seiva se debilite.

Lá onde reinava uma violenta unidade, o Christo proclamava a separação; e desde então cumpria distinguir o cidadão e o crente na mesma pessoa, respeitar os direitos do christão, inclinar-se diante da consciencia do individuo. Eis aqui a proclamação da liberdade de consciencia e de religião, por onde começou a civilisação: é uma sentença sellada com o sangue de um Deus e de milhões d'homens que ficou sendo o pesadelo de todas as tyrannias.

Os imperadores perceberam perfeitamente a nova idéa, mas para a perseguirem nos seus propagadores. É porque? Porque os Cesares pretendiam manter a todo o custo a unidade do Estado; ora, esta unidade era absoluta; ella abrangia a consciencia como o resto; era-lhe indispensavel o homem todo—isto é corpo e alma.

Para fazer entrar a nova idéa do reino de outro mundo na humani-

dade foi preciso lutar durante tres seculos: é a epoca dos martyres, a idade heroica do christianismo.

Sem duvida os martyres não se mettiã em politica, e menos os apóstolos; elles até estavam convencidos que para si não havia logar na sociedade pagã, e que a queda do Imperio seria o fim do mundo. Portanto, enganam-se muito os que fazem os primeiros christãos «os inimigos do imperio;» em verdade, o que elles exigiam do poder era a sua transformação.

Jesus havia traçado a este respeito a regra de conducta. A effigie nas moedas era para o Christo o *criterium* supremo da legitimidade, fóra do qual nada havia que buscar. Em pleno reinado de Nero, S. Paulo escrevia: «Todo o homem esteja sujeito às potestades superiores: porque não ha potestade, que não venha de Deus.... aquelle, pois, que resiste à potestade, resiste à ordenação de Deus.» Poucos annos depois, S. Pedro, na sua Epistola conhecida sob o nome *Prima Petri*, exprimia-se de um modo identico. E S. Clemente foi um dedicado subdito do Imperio Romano. Emfim, uma das boas qualidades de S. Lucas, é o respeito que tanto mostrou pela auctoridade imperial e o cuidado que teve sempre em não causar-lhe o menor desgosto.

S. Justino nas suas apologias, não combateu nunca o principio do Imperio; o que elle pretendia era que o Imperio examinasse a doutrina christã, a approvasse, a reconhecesse até certo ponto, e que punisse os seus calumniadores.

Apezar d'esta natural inclinação pelo Imperio, não deixam de ser os martyres e os apóstolos os precursores da liberdade moderna; liberdade que só se encontra entre os povos christãos, porque só o Christianismo é que separa a religião da politica, e distingue o crente do cidadão.

O que o mundo reclamava era uma religião de congregações, de egrejas ou capellas; uma religião em que a essencia do culto fôsse a reunião, a associação, e a fraternidade. O christianismo desempenhava todas estas condições. O seu culto admiravel, a sua moral pura, o seu clero doutamente organizado, assegurava-lhe o futuro.

Em que consistia a lucta, e como se explica que n'uma época de scepticismo universal, os Romanos tão tolerantes, todavia, para com todas as seitas (mais de seiscentas foram toleradas em Roma!), tenham

declarado ao christianismo uma guerra de morte?

A falla de Mecenas ao imperador Augusto, como refere Dion Cassio, revela que desde o primeiro dia, e já antes do Christianismo, os Cesares estavam convencidos que sem a dominação da alma humana inteira, seria precaria a segurança do seu despotismo.

Oiçamos, pois, o discurso do cortezo: «Honorifica os deuses por toda a parte e incessantemente, conforme os ritos da patria, e força os outros a imitar-te. Detesta os innovadores e castiga-os, não só por amor dos deuses, senão porque a introducção de novos deuses traz em seguimento os costumes estrangeiros. D'ahi as associações, as confrarias, os conciliabulos e todas as coisas que não convem à monarchia.

Não tolere, portanto, nem os atheistas, nem os agoureiros, que, com os seus embustes, conduzem às innovações. E teme os philosophos, porque elles fazem o mesmo.»

A auctoridade romana não convinha a agitação que faziam os philosophos, essa agitação que precede todas as demais; o que lhe convinha era o silencio e a paz da morte. Além d'isso, havia um culto publico completamente laical que cumpria a todos respeitar; e quem não adorasse os deuses romanos, os officiosos, era tido por atheu.

Assim se explicam as perseguições aos christãos.

Em todas ellas, que foram dez geraes, houve sempre um pensamento: criam perigosas para o Estado as associações ou confrarias christãs; e, n'este presupposto, tractaram de as desvanecer. Assim a alma de todas as perseguições foi aquella maxima do despotismo, que o Estado não pôde tolerar a associação fóra do Estado.

A liberdade, a independencia, a autonomia da consciencia, taes eram os inimigos que o poder imperial perseguio no arraial dos christãos: prova irrefragavel que o christianismo é a religião da liberdade, e da independencia moral.

J. C. de Faria e Castro

SECÇÃO SCIENTIFICA

Os principios catholicos perante a razão

(Continuado do n.º 7)

VIII

DIVINDADE DE JESUS CHRISTO

A Igreja creu sempre na divindade de Jesus Christo.—S. João e os

escriptores do seculo I.—O Concilio I geral condemna Ario.—Accusação feita aos primeiros christãos de divinisaem a Jesus Christo.—Juliano, Plino e outros auctores idolatras.—A divindade do Redemptor consignada nas prophcias.—Reflexões.—Depravação da sociedade descripta por Juvenal e Séneca.—Jesus Christo corregiu os costumes.—Gloria do Redemptor.—As suas prophcias.—Confissão de J. J. Rousseau.

Os incredulos dizem que a divindade de Jesus Christo é uma pura invenção do fanatismo catholico na qual a primitiva Egreja acreditou.

Este erro absurdo e infundado deamente no os antigos escriptores e S. João, que escreveu o seu Evangelho para demonstrar a divindade do Redemptor.

Os impios não discorreram nem discorrem cousa nenhuma de novo sobre este paradoxo, ha dezoito seculos inventado por Cerintho e Ebion.

Estes herejes ensinavam que em Jesus Christo houve uma só pessoa humana, erro contrario á crença unanime dos Apostolos e dos christãos d'aquelle tempo, que reconheciam a divindade do Salvador, dogma ensinado pelo proprio Jesus Christo, segundo as palavras que em Cafarnaum Elle dirigiu ao povo: «... porque desci do céu não para fazer a minha vontade, mas a vontade d'Aquelle que me enviou. . . . e a vontade de meu Pae que me enviou é esta: Que todo aquelle que vé o Filho e cre n'Elle tenha a vida eterna, e eu o resuscitarei no ultimo dia (1).»

E S. João Baptista, de cujas virtudes Josepho faz o maior elogio, ao ver o Messias, exclama cheio de enthusiasmo: *Eis aqui o Cordeiro de Deus, eis aqui o que tira os peccados do mundo (2).*

Os judeus escutaram este dogma ensinado publicamente por Jesus, e acreditaram-no não só pelos prodigios que diariamente presenciavam, mas tambem porque era parte essencial da doutrina que tinham acceitado.

Nenhum dos discipulos do Salvador mereceu o seu amor e confiança em grau tão elevado, como S. João Evangelista, que dá principio á historia de Jesus com palavras dedicadas a dogma tão necessario: «No principio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. . . . e o Verbo se fez carne, e habitou entre nós, e nós vimos a sua gloria, a sua gloria como de Filho Unigenito

do Pae, cheio de graça e de verdade (3).»

S. Matheus, S. Lucas e S. Paulo exararam nos seus livros a mais clara e evidente prova de terem professado a mesma crença, não podendo abrigar a respeito d'ella a menor duvida os Apostolos e discipulos de Jesus Christo, testemunhas do horrivel cataclysmo, occorrido no acto de sua morte, da resurreição gloriosa de seu corpo, das suas appareções repetidas, e da publica ascensão ao céu da sua humanidade santissima.

Tal foi a crença primitiva, e o primeiro Concilio geral, reunido em Nicéa no anno de 325, conforme com ella, condemnou a heresia de Ario. Ante aquella assemblea teve este theologo obcecado plena liberdade para defender que o Verbo não era igual, consubstancial nem coeterno com o Pae, erro gravissimo contra a divindade do Redemptor.

Responderam-lhe varios bispos e o diacono S. Athanasio; e a Egreja, depois de julgadas as razões allegadas d'uma e d'outra parte, condemnou infallivelmente Ario, e com elle quantos negassem a divindade de Jesus Christo.

Os judeus e os gentios accusavam tenazmente os christãos primitivos de divinisaem a Jesus: esta accusação ou reconvenção foi o argumento principal de que os mesmos judeus e gentios se serviram para combater a nova religião; a divindade de Jesus foi o dogma que o apostata Juliano impugnou com maior empenho, e o pretexto para tanto odio e menosprezo, e para as perseguições ferozes e violencias inauditas que commetteram os idolatras contra os fervorosos fieis da heroica cidade do christianismo.

O proconsul da Bithynia escrevia ao imperador Trajano que os christãos se reuniam para cantar os louvores de Christo como um Deus, acrescentando com feroz indifferença e barbara injustiça que elle mandara atormentar duas servas das chamadas diaconisas.

Nas obras de Celso, Porphirio Tacito e Suetonio, que se occupam do antigo dogma sobre a divindade do Redemptor, encontramos as mesmas recordações.

Josepho falla d'esta crença universal entre os primeiros fieis (4), e Calcidio diz expressamente: *Uma deidade a quem devamos adoracões baixou do céu á terra pela salvacão e felicidade dos homens*, acrescentando que uma estrella novamente descoberta annunciava não mortes nem desgraças, mas este beneficio celestial,

e a descida d'este Deus Salvador, e que os Caldeus tão distinctos pela sua sabedoria e conhecimentos astronomicos, tendo observado a appareção d'uma estrella desconhecida, se determinaram a ir em procura do Deus que ella annunciava, e chegando ao ponto indicado pela constellação, acharam a Deus debaixo da figura d'um menino e lhe offereceram os seus dons, etc. (5)

A divindade de Jesus Christo não pode ser invenção dos christãos, porque estava annunciada nas antigas prophcias: *Disse o Senhor ao meu Senhor, sentado á minha direita*, escreveu o santo rei David (6), e o propheta Isaias diz: «. . . . E a extensão do suas azas encherá a largura da tua terra, ó Emmanuel. Congregai-vos, povos, e serois vencidos, e vós todas as terras do longe, ouvi: encorporai as vossas forças tomai as vossas armas, e serois vencidos: formai qualquer designio, e elle será frustrado: proferi alguma palavra de mando, e ella não será executada, porque Deus é comoosco (7).»

E Zacharias diz igualmente: «. . . . isto diz o Senhor dos exercitos: eis aqui o homem, que tem por nome o Oriente e este será um renovo, que brotará de si mesmo, o edificará um templo ao Senhor. E elle odificará um templo ao Senhor; e elle será coberto de gloria, e se assentará e reinará sobre o seu throno, e haverá entre os dois uma conformidade de paz (8).»

(Continua)

D. Francisco Xavier Garcia Rodrigo.

SECÇÃO HISTORICA

D. Francisco de Castro,
Inquisidor Geral

ESTUDO HISTORICO

De Francisco de Castro, que fora Bispo da Guarda e que era inquisidor geral n'estes reinos e senhorios de Portugal, achou-se em 1641 compromettido n'uma accusação, indigna do seu nascimento, da sua dignidade, dos seus cargos, e, sobre tudo, do seu coração e do seu modo de pensar.

Em 28 de julho do referido anno foi preso e conduzido á Torre de Belem onde se conservou até 5 de fevereiro de 1643, sendo então restituído aos seus empregos.

Qual era o crime de que se accusa-

(5) Calcidio, no *Tm.* de Platão.

(6) *Psalmo* 109.

(7) *Isaias*, cap. VIII, vers. 8, 9, e 10.

(8) *Lach.*, cap. VI, vers. 12 e 13.

(1) S. João cap. VI, vers. 38 e 10

(2) *Id.*, cap. I, vers. 29.

(3) S. João, cap. I, v. 1 e 11

(4) *Antig. jud.*, l.º XX, cap. IX.

va um sujeito tão qualificado, e que occupava um lugar tão eminente na hierarchia ecclesiastica?

Era nada menos que cumplicidade na famosa conjuração tramada contra D. João IV, com o fim de restabelecer no throno de Portugal o rei do Castella, Philippe IV.

Todas as historias do nosso reino fallam d'esta contra-revolução a favor do governo usurpador que por espaço de sessenta annos tinha tyrannizado Portugal; e, com rarissimas excepções, quasi todos os historiadores nacionaes e estrangeiros, contam entre os conjurados o inquisidor geral, D. Francisco de Castro, ex-Bispo da Guarda.

Mostraremos que é calumniosa esta accusação dirigida ao dignissimo Prelado de que nos occupamos.

Antes de caminharmos adiante faremos algumas reflexões.

Não é permitido a um escriptor diminuir um homem, que por outra parte se torna estimavel, senão com motivos os mais evidentes; e, não existindo estes, elle deve ficar na posse de toda a gloria que parece justamente merecer.

Um historiador deve fallar com reserva dos homens que gosam da estimação publica, e só os crimes e acções vergonhosas, que se fizeram notorias, é que deve expôr a uma justa censura. Seria desculpavel de se deixar antes surpreender por uma vã apparencia de virtude, do que vel-o atacar uma virtude solida e real, e imputar-lhe ligeiramente um motivo infundado, indigno d'ella.

Julgar temerariamente os grandes homens, não é tirar-lhes o merecimento, é expor o proprio. O seu merecimento pôde ser obscurecido por algum tempo; mas bem depressa passam as nevens, elle brilha com uma nova luz, e o censor fica deshonrado.

O accusador injusto, em chegando a ser descoberto, é quem soffre a pena que pretendia fazer supportar ao innocente.

Os auctores de historia, que ainda hoje continuam a criminar D. Francisco de Castro como um dos conspiradores contra D. João IV, após a gloriosa aclamação de 1640, parece que se tem esquecido d'estes principios; por quanto não ha provas evidentes de tal crime, antes razões fortissimas da sua falsidade.

Vejamos, porem, o modo como communmente contam o facto os historiadores de Portugal.

D. Sebastião de Mattos e Noronha, Arcebispo de Braga, segundo consta, foi o auctor e principal director da conjuração contra el rei D. João IV, para tornar a entregar Portugal a Castella.

Não se sabe com certeza como este attentado foi descoberto. Uns dizem que foi um espião portuguez, que apanhalou outro espanhol e que lhe tirou a correspondencia, trazendo-a ao rei. Outros dizem que foi descoberta pejo marquez de Ayamonte, primo da rainha de Portugal.

Tambem se diz que, sendo convidado o conde de Vimioso para esta traição, viera dizer tudo ao rei. E finalmente dizem outros que Luiz Ferreira de Barros, illudindo um tal Pedro Baeça, soube d'elle o fio do trama.

O rei devia ser apanhalado no dia 5 de agosto 1641, e a rainha e os filhos presos.

D. João IV, que sabia todo o plano dos traidores, disfarçou tudo até o proprio dia, e a final foram presos 40 conjurados. Sendo Baeça posto a tormentos, declarou tudo.

Entre outros foram presos os seguintes individuos: D. Sebastião de Mattos e Noronha, Arcebispo de Braga; D. Luiz de Menezes, marquez de Villa Real; Ruy de Mattos e Noronha, conde de Armamar e sobrinho do Arcebispo; Belchior Correia de França; Diogo de Brito Nabo; Pedro Baeça, thesoureiro da alfandega; D. Francisco de Castro, inquisidor geral; D. Nuno de Mendonça, conde de Valle de Reis; Laurencio Pires de Carvalho; D. Antonio de Athaide, conde da Custinha; Antonio Pires de Carvalho; Antonio de Mendonça, commissario da Balla da Cruzada; Fr. Luiz de Mello, Bispo eleito de Malaca; D. Francisco de Faria, Bispo de Martyria; D. Agostinho Manuel; o duque de Caminha; e outros muitos.

O Marquez de Villa Real, o duque de Caminha, o conde de Armamar e D. Agostinho Manuel foram degolados no dia 29 de agosto. O secretario do Arcebispo e mais quatro traidores foram enforcados.

Examinaram-se depois as culpas dos outros que tinham sido presos, e, não se achando fundamento para serem condemnados, foram soltos, uns immediatamente, outros passados tempos, excepto o Arcebispo de Braga que morreu na Torre de S. Julião, e o Bispo de Martyria que morreu no convento de S. Vicente de Fôra.

Quanto a D. Francisco de Castro, diz um historiador, seguindo a outros: «O inquisidor geral foi condemnado a prisão perpetua; esteve muitos annos preso na Torre de Belem, mas foi solto depois, e restituído aos seus empregos.»

E' isto o que se lê em quasi todos os compendios de historia de Portugal, copiando-se os auctores uns aos outros, sem sombras de critica.

Ora, primeiramente não é verdade que o inquisidor geral estivesse preso muitos annos: foram apenas 18 mezes,

tempo necessario para se examinar a sua causa e a dos outros implicados na conjuração.

Em segundo lugar, D. Francisco de Castro foi plenamente absolvido e restituído aos seus empregos e á graça d'el-rei D. João IV, que sempre o teve em grande estima e consideração. O Prelado ainda viveu dez annos, e nunca deixou de ser respeitado do monarcha e de todos os bons portuguezes.

Quando elle saiu da prisão, sendo declarado innocente, houve grandes festejos em Lisboa, repicando os sinos em todas as egrejas.

Finalmente, é falso que elle fosse condemnado a prisão *perpetua*, pois que só esteve preso temporariamente até se averiguar a sua cumplicidade que nunca se prova.

Afirmam alguns que o inquisidor geral escreveu a el-rei confessando o seu crime. Mas é falso, se assim fosse, não seria declarado innocente, como effectivamente o foi, nem haveria motivo para ser celetado o seu triumpho.

Sustentam outros que lhe foi perdoado o delicto. Não é, porém, verdade: D. Francisco de Castro foi *absolvido e não perdoado*.

Nem se pense que somos os unicos a deŋter este Prelado do crime que lhe foi imputado; porquanto respeitaveis auctores do seu tempo e posteriores declaram a sua innocencia e accentuem as suas relevantes virtudes; entre outros, citaremos o P.º João de Mattos, da Companhia de Jesus, D. Antonio Cactano de Sousa, o insigne Diogo Barbosa Machado, o auctor do *Ann. Historico* e outros.

O P.º Mattos denomina-o *varão sancto, sabio e zeloso*.

Em poucas palaxras biographemos a D. Francisco de Castro.

Nasceu em Lisboa, no anno de 1570, sendo filho de Alvaro de Castro e de Dona Anna de Athaide, familia nobilissima do nosso reino. Era, portanto, neto do famoso capitão D. João de Castro, 4.º vice-rei da India. Seu pae, D. Alvaro de Castro, tambem logrou logares importantissimos no reinado de D. Sebastião.

D. Francisco, logo desde a infancia, revelou talentos, memoria e virtude. Cursou theologia na universidade de Coimbra, onde tomou o grau de doutor a 11 de maio de 1597.

Em seguida foi deão da Cathedral de Coimbra, reitor da Universidade, presidente da meza da consciencia e conselheiro de Estado. Foi eleito Bispo da Guarda em 1617; confirmado por Paulo V, tomou posse da sua diocese a 6 de abril do referido anno, sendo recebido com geral contentamento e applauso de todo o povo.

Governou o bispado 12 annos com-



SUA SANTIDADE LEÃO XIII

NASCEU A 2 DE MARÇO DE 1810. FOI ELEVADO AO THRONO PONTIFÍCIO
EM 20 DE FEVEREIRO DE 1878

pletos com grande inteireza e zelo, visitando-o pessoalmente e dando largas esmolas. Dizia todos os dias missa, tanto na cidade como andando em jornada.

Fazia aos de sua casa confessar-se e commuegar em todas as festas principaes do anno e elle mesmo lhes administra a sagrada communhão. Por sua ordem ouviam missa cada dia, e á noite tinham uma hora de oração no seu oratorio. Durante a meza lia e fazia ler livros espirituaes.

Foi nomeado inquiridor geral em 1630, sendo confirmado por Bulla de Urbano VIII a 20 de maio d'este anno.

Exerceu todos os cargos com inteireza, justiça e caridade, sendo um varão dignissimo dos sublimes elogios que d'elle fazem varios auctores.

Como conselheiro de Estado foi de grande nome e auctoridade. Fundou a grande e magnifica capella de *Corpus Christi* do convento de Bemfica, da Ordem de S. Domingos, e a casa do noviçado do mesmo convento. A seu rogo é que Jacintho Freire de Andrade escreveu a vida de D. João de Castro, seu avô.

Este varão insigne, cheio de annos e de virtudes, falleceu a 1 de janeiro de 1653.

Eis aqui quem foi D. Francisco de Castro, Bispo da Guarda e inquiridor geral, falsamente accusado de conspirador contra el-rei D. João IV.

P.º João Vieira Neves Castro da Cruz

SECÇÃO CRITICA

Os missionarios em Barcellos

(DUAS NOTICIAS importantes)

Esob a epigraphe — «os missionarios em Barcellos» —, que o «Primeiro de Janeiro» tem noticiado coisas do arco da velha.

Eu que não sou assignante dos jornaes das ruas, dos jornaes de 10 reis, dos jornaes que se gastam em involucros e nas partes mais *secretas* de qualquer casa, tenho lido o «Primeiro de Janeiro», e tenho-o lido porque um meu amigo, a quem visito quasi todos os dias, manda comprar o tal involucro, sem falta.

Ora já se vê que assim passo sempre revista ao «Primeiro de Janeiro», mas passo-lhe uma revista em forma, desde o artigo principal até ao ultimo telegramma; algumas vezes até aos annuncios. Emfim, passo-lhe revista desde a cabeça até aos pés.

O que é certo, porém, é que são mui poucas as vezes que lhe passo tal revista e que não veja nodos de fruta pódre na farda do tal Janeiro.

Não admira.

O jornal das ruas nasceu nas noites grandes, nas noites de muito gêlo; por conseguinte, envolto, desde o nascimento, em espessas trevas e tiritando com frio, que hade fazer senão dar noticias que afastem os povos do brilhante sol do Evangelho, noticias que enregetem os corações da humanidade na pratica da virtude? E' o que faz o «Primeiro de Janeiro». Tem sido está a sua marcha de soldado progressista, desde quando o principiei a lêr.

Fraço soldado!

Sim, fraço soldado o que sae do quartel, viaja em comboios, visita villas e cidades, sempre gritando para que todos o revistem, e que ousa apresentar-se assim em publico de farda suja, e com o nome de progressista!

Eram poucos, para um soldado d'este jaez, 30 annos de calabouço.

Um conselho de amigo ao «Primeiro de Janeiro»:—Vire a farda (ou lave-a) para não fazer tão triste figura. A virtude é intima amiga do verdadeiro progresso, assim como este o é d'aquella. Progredir no erro e no vicio não é progresso, é retrocesso.

Mas vamos ás noticias.

Diz o «Primeiro de Janeiro» no seu numero 26:

«Os missionarios em Barcellos. — Uma victima.—Barcellos 28.— Amelia Férreira de Azevedo, solteira, de 24 annos d'idade, filha do snr. Bernardo Justino Leitão, abastado proprietario, fallecido ha pouco, da freguezia de Santa Leocadia de Pedra—surada, d'este concelho, é a primeira victima da monomania religiosa incutida pelos terrores dos jesuitas do Varatojo. Em seguida a uma confissão geral, principiou a dar mostras de preocupação religiosa no dia 26 de dezembro ultimo, ao vir da missão da freguezia visinha de Gueiral. Hoje está completamente alienada! Vae ser remettida, a expensas da familia, para o hospital do Conde de Ferreira.»

Ora ahi está uma noticia de arromba!

Collige-se d'ella que os jornaes anticatholicos, como o «Primeiro de Janeiro» e seus confrades de Barcellos, mentiram sempre até 26 de dezembro ultimo, quando fallavam das confissões e dos «terrores» dos jesuitas do Varatojo.»

Até áquella data os jornaes *chafarriqueiros* diziam que todos deviam fugir dos jesuitas e varatojanos, porque as confissões eram más e punham as cabeças tólas.

Guerra, pois, ao jesuita, guerra ao varatojano! E guerreavam os jesuitas e varatojanos sempre, sem cessar, por isso, e por serem homens sabios.

Um dia, porém, havia de vir em que os mesmos jornaes dissessem o contrario. Felizmente chegou esse dia para desgano dos papalvos que se dei-

xavam illudir comendo as pêtas dos jornaes da *geringonça*.

Esse dia chegou porque o «Primeiro de Janeiro» (jornal *insuspeito*) transcreveu tambem d'algum mau jornal de Barcellos a noticia supra, pela qual se vê que «Amelia Ferreira de Azevedo. é a primeira victima da monomania religiosa. e que principiou a dar mostras de preocupação. . . no dia 26 de dezembro ultimo, ao vir da missão da freguezia visinha de Gueiral».

Ora se ella é a primeira victima, é certo que nunca até então fizeram mal a ninguem os terrores dos jesuitas do Varatojo e as confissões. Nada mais claro.

Mas continuemos:

Diz a noticia que «a monomania religiosa» foi «incutida pelos terrores dos jesuitas.».

Vamos á prova d'isso, ó snr. noticiador. Apresente-nos esses «terrores» em letra redonda; não se esqueça; peço-lh'o encarecidamente.

Porém, emquanto não chega resposta, sempre lhe direi que, ha pouco tempo, mas antes da noticia que se dignou dar-nos, um individuo, casado, e de trinta e tantos annos, da freguezia da Graça, do concelho de Braga, foi remettido «a expensas da familia», para o Porto, para o hospital de alienados, e victima tambem da monomania religiosa.

E quer saber até que ponto chegava a monomania d'elle?

Escute:

O homem era musico, e, tanto em casa, como na rua, apenas tocava o hymno de N. S. da Conceição, o *Tantum Ergo*, e outras cousas religiosas. Andava sempre com um rosario ao pescoço. Quando a musica, de que era membro, fazia algum ensaio, o monomano pedia-lhe para ir tocar a casa d'elle (que ficava perto da do ensaio) o hymno da Conceição, e a todos os musicos fazia resar, em côro, o terço e a ladainha. Se algum dos musicos se recusasse, então ia tudo raso. Convidava os visinhos, todas as noites, para resarem tambem o terço com elle. Prê-gava, em cima das arvores, tardes inteiras, a ponto de enrouquecer porque a voz do monomano era ouvida por toda a freguezia. Dava esmolas, ajudava ás missas, fazia festas, etc., etc.

Ora eis aqui uma monomania talvez muito maior do que a de Amelia Ferreira de Azevedo; e comtudo tal monomania não foi «incutida pelos terrores dos jesuitas do Varatojo»: nunca missionaram na freguezia do monomano.

Ficam, pois, sabendo o «Primeiro de Janeiro» e os jornaes de Barcellos, adversos aos missionarios, que a mono-

mania religiosa não nasce dos «terrores dos jesuitas do Varatojo».

Eu bem sei porque *certa* gente não gosta dos missionarios: é porque elles, ministros de Christo, são o sal da terra e a luz do mundo (*vos estis sal terrae, vos estis lux mundi*), e têm de annunciar aos homens as verdades puras do Evangelho, da sã moral.

E como a sã moral manda satisfazer aos preceitos da Igreja, que não se coma o que pertence a outrem, que não se roube, que não hajam mancebias, odios, etc., etc., aliás não se possuirá a bemaventurança eterna, mas sim o inferno, é por isso que se levantam as maiores calumnias aos missionarios, e é apenas n'isto em que consistem os «terrores» das missões para *certa ordem* de gente.

Agora matei caça! Não matei sr. «Primeiro de Janeiro» e mais jornalistas de Barcellos, inimigos dos missionarios?

Matei... matei, respondam com franqueza.

O que, porém, parece impossivel é que jornalistas que todos os dias pedem luz e instrucção, e que não gostam, como eu, de tolos, escrevam esta tolice — «jesuitas do Varatojo»!

De proposito sublinhei sempre as palavras «jesuitas do Varatojo» para mais depressa dar na vista dos leitores tal monomania.

«Jesuitas do Varatojo» é o mesmo que dizer—os padres da Ordem Benedictina da Ordem Augustiniana. Poderá haver maior parvoice?

O' luz! por onde andas? ! O' instrucção! por onde caminhas?!

E ain'a dizem que não é precisa a palmatoria nas escolas primarias. Meia duzia de palmatorias eram poucas para uns esvrevinhadores assim.

Passemos a outra noticia dada pelo «Primeiro de Janeiro» no numero 29. Esta muda de epigraphe.

Vejam:

«A praga dos missionarios.—Escrevem de Barcellos em data de ante-hontem:

«A victima dos jesuitas tinha feito uma confissão geral e ainda na vespera do ataque se confessou de novo. Nos primeiros dias manifestou-se a loucura com a monomania religiosa. A desgraçada passava o tempo todo a resar e a mandar resar os irmãos. Depois, porém, a mania foi-se exaltando até que hoje chegou ao delirio completo e á furia».

«Vai a caminho do hospital dos alienados. E' uma victima dos missionarios; foram as falsas doutrinas d'esses hypocritas que lhe fizeram perder a razão».

Acabou a noticia, e n'ella já se não falla em «jesuitas do Varatojo»; falla-se só em *jesuitas*, palavra que sublinhei sem liconça. Perdoe-se-me esta falta.

Quem não fica abysmado diante da epigraphe—«a praga dos missionarios»? Só o «Primeiro de Janeiro» e companhia podem apresentar um dislate de tal ordem.

O «Primeiro de Janeiro» sabe o que é—missionar? Diz um dos meus dictionarios que—missionar—é instruir, evangelisar. Sendo assim, como realmente é, os missionarios instruem, evangelizam.

Muito bem.

Ahi temos, pois, estes jornalistas das *duzias* (de bolos de palmatoria), que querem todo o mundo instruido, e a chamarem—*praga*—aos homens que derramam a instrucção, aos ministros de Jesus! Sempre incoherentes.

Adiante.

Já na primeira noticia se havia dito que Amelia Ferreira de Azevedo fez uma confissão geral. Esta segunda noticia bate no mesmo terreno. Quem não tem que dizer, diz sempre a mesma causa.

Oh! se se confessassem tambem estes jornalistas quanto era bom! Não diriam tanta asneira porque, além de se confessarem, podiam perguntar ao confessor que differença havia entre jesuitas e varatojanos. O confessor explicava-lhes isso, e d'um só tiro matavam dois coelhos—confessavam-se (mas queria-se uma boa confissão) e instruiam-se.

Confessem-se, pois, e não tenham medo que a monomania religiosa lhes entre na cabeça. Lá o passarem algum tempo «a resar e a mandar resar os irmãos», isso sempre é necessario porque quem não pede não recebe. Querer ir para o ceo sem resar, sem o pedir, sem penitencia, não pôde ser. *Petite et accipietis*.

Vamos: confessem-se, e não receiem chegar ao «delirio completo e á furia» por causa da confissão, nem receiem entrar por esse motivo, no hospital dos alienados. Já viram que o monomano da freguezia da Graça, a que acima alludi, entrou lá sem se confessar, e tambem chegou ao «delirio completo e á furia». Nada de medo, pois; podem-se confessar, á vontade, (quero dizer) podem-se confessar bem sem que os «terrores» dos missionarios sejam a causa de irem algum dia «a caminho do hospital dos alienados».

Esta noticia conclue por affirmar que as doutrinas dos missionarios varatojanos são falsas, e que os missionarios são hypocritas. Não diz, porém, qual a doutrina falsa que elles ensinam, nem onde se encontra a hypocrisia nos missionarios.

Os homens entranhados no vicio, quando se lhes prega uma doutrina contraria e opposta a seus depravados costumes, dizem sempre que ella é falsa, e os que a pregam e amam a vir-

tude, esses são—hypocritas. Fica, pois, decifrado o enigma, e fiquemos tambem por aqui. Já estou cheio de escrever.

Ainda assim, vou fazer a transcripção d'algumas linhas da «Semana Religiosa Bracarense», n.º 560, onde se diz algo sobre os effeitos d'uma missão que ha pouco se deu, na freguezia de Beiriz, pelos jesuitas.

«Oito a dez padres, confessando 7 a 8 horas por dia em duas semanas inteiras, não poderam satisfazer a todas quantas pessoas pretendiam alliviar sua alma do pesadelo da culpa.

«Nem um só dos que ha muitos annos não procuravam este santo remedio deixou de procural-o; todos os que andavam em odios e rancores enveterados se perdoaram, e muitas e importantes restituções se fizeram, que nunca se fariam se não fosse a missão:—historia de todas as missões e motivo porque os impios, os escandalosos..... gritam com desespero contra as missões e missionarios todos os dias, engendrando para isso calumnias, sempre as mesmas para variar».

Horror !!!!!

Um leitor do «Primeiro de Janeiro».

SECÇÃO LITTERARIA

Por motivo d'um certo prestito civico

Inclito fundador da monarchia,
Famoso vencedor de cem batalhas,
Cujo esforço abatia altas muralhas,
E as torpes hostes da moirama impia:

Se resurgir podesses, n'este dia,
De entre o pó venerando das mortallas,
Do sepulchro expulsaras pilhas gralhas,
Que te insultam com perfida ousadia!

Tu, grande rei, com rara heroicidade,
Por Deus e pela Patria pelejando,
Creaste um novo reino á christandade;

Elles, com impio ardor, zelo nefando,
Em nome de mentida liberdade,
Estão tua obra egregia arruinando!

Porto, 6 12—85.

A. Moreira Bello.

GRACIA

OU A CHRISTÃ DO JAPÃO

Continuado do n.º 4

CAPITULO XIV

O estudo de Gracia

—SINTO muito não poder demorar-me mais porque tenho de ir confessar

um enfermo. Todavia, já que a senhora princeza quer que lhe resolvam algumas duvidas, encarregarei o Irmão Vicente, que se ponha á sua disposição não só hoje, mas sempre que a senhora o deseje. Peço-vos somente, senhora, que desculpeis o Irmão porque nem tem os estudos philosophicos que vós tendes nem sequer seguiu o curso de theologia, que a nós nos ensinam na Europa. Não estranheis, pois, que em alguns pontos não se sirva da terminologia propria, nem conheça a linguagem dos sabios.

E fazendo uma grava reverencia ausentou-se, deixando Gracia sumamente confusa. Nunca julgou a princeza, que tão pouco caso fizessem d'ella como o que acabavam de fazer-lhe; porque, apesar das cortezias, e das reverencias do Jesuita, julgou, que este nem dava importancia ás duvidas que tanto a atormentavam, nem a considerava digna d'entrar em controversia com elle. Seu amor proprio sentiu-se gravemente ferido; porque aquelle homem que lhe parecia o unico capaz de comprehendê-la, de fallar com ella, de conhecer a fundo os segredos de sua alma, aquelle homem em quem havia descoberto uma intelligencia tão perspicaz, entregava-a a outro que elle mesmo confessava ser illetterato.

Gracia quiz retirar-se, pegou no braço de Mirka e dispoz-se a sair; n'este mesmo instante, porém, entrava o Irmão Vicente, a quem já o Padre Cespedes havia informado do occorrido. Gracia teve n'aquelle momento uma tentação de vaidade: «Já que o Padre não me julgou digna de dissentir com elle, vou provar-lho confundindo a seu Irmão, que não é digno de fallar commigo.»

E retroceder, dirigindo-se com altivez ao Irmão Vicente lhe disse:

—Em má hora vieram. As palavras de vosso Padre suscitaram em mim um sem numero de objecções, e se me não respondeis categoricamente muito me hei de rir de vossa religião.

E Gracia sem perda de tempo, começou de expôr-lhe tudo quanto lhe occorreu, julgando que o Irmão ficaria calado sem saber que responder-lhe.

Não aconteceu, porém, assim; porque já temos dito, que Deus lhe havia concedido o dom da palavra conjuntamente com o de mover os corações. De modo que, ainda com maior vivacidade e lucidez do que o Padre Cespedes, fallou o Irmão Vicente á princeza.

Meia hora depois voltavam ambas para casa. A princeza ia pensativa, cabisbaixa e meditabunda, como se lhe houvesse acontecido uma grande desgraça. Era que o Irmão Vicente havia tocado de tal forma o coração da princeza, que esta, a cada passo que dava, se sentia estremecer.

Voltava Gracia muito mais agitada do que havia ido; diversificava, porém, agora muito a sua agitação: ao ir, tremia ante o pensamento de fazer-se christã, ao voltar, tremia ante a idéa de não poder fazer-se christã.

A graça havia dado em sua alma um passo de gigante; ainda, porém, não havia triumphado dos antigos e inveterados erros da philosophia.

(Continúa)

Versão do padre Lima.

SECÇÃO NECROLOGICA



ESTÁ de luto um dos amigos do «Progresso Catholico», e por vezes seu collaborador, o muito Revd.º Padre Manuel Martins Capella, pelo fallecimento de sua mãe.

Publicando o seguinte necrologio, associamo-nos ao seu auctor e damos ao nosso amigo e a todos os seus parentes sentidos pesames:

«Morte! Morte!! Oh! quão pesada é essa lei fatal dada por Deus á humanidade em castigo de seu orgulho! Quando a vida sorri alegre e enche de gosto o lar domestico, é que ella pulsa fortemente á porta e transpondo seus hombros descarrega mortifero golpe ceifando assim um dos entes mais caros da familia.

Sim, esse monstro horrendo não poupa creatura alguma e só espera para que da ampulheta da vida caia o ultimo grão de areia a fim de, como leão raivozo, se lançar sobre a preza e tragal-a com mais voracidade que ao viandante no meio do deserto.

Ingrata, porque rouba o pae ao filho, o irmão ao irmão, o parente ao parente, o amigo ao amigo e nem sequer perdôa áquellas pessoas que sempre se sacrificaram pela sociedade especialmente pela familia que Deus lhe confiou aos seus cuidados; e assim lança um veu de desgosto mais escuro que a noite tenebrosa e enche de luto uma familia inteira e o coração de todos os seus parentes e amigos!

Esse monstro horrendo, perseguindo por todos os traminés d'esta vida cheia d'espinhos uma

mãe d'um coração prodigo de caridade, apenas ouviu soar a ultima hora no relógio de sua existencia, lançou se sobre a victima devorando-a desapidadamente, sem se lembrar que roubara os carinhos d'um esposo agora inconsolavel, aos filhos um nome tão doce e sem igual cá na terra e aos pobres d'uma freguezia inteira o seu anjo de caridade.

Quereis saber quem era esta boa mulher? Já não existe! As parcas cortaram-lhe o fio da vida e prostraram-na na habitação dos mortos.

Com uma dôr pungente no coração e com as lagrimas nos olhos, amigos leitores, vos vou descrever esta heroína dos nossos dias.

A Exc.^{ma} Sra.^a D. Maria Custodia, mãe do meu presado parente, amigo e mestre Padre Manuel José Martins Capella, ultimo parochio collado na freguezia de S. Paio da Carvalheira, concelho de Terras de Bouro, já baixou á terra de que fora formada! Já pagou esse tributo exigido por Deus a todo o genero humano. Apenas contava 58 annos d'idade quando á divina Providencia aprouve retribuir-lhe tantas obras de caridade, tantos actos de virtude, como filha, como esposa e mãe.

Tinha esta senhora recebido uma educação esmerada de seus paes; porisso, logo que se casou, apesar de ser de pouca idade, depressa soube comprehender os deveres d'esposa.

Mais tarde como mãe foi um modello, e teve a felicidade de ver dous filhos P.^{os} ambos exemplaríssimos; duas filhas, irmãs hospitaleiras, esses anjos da caridade que cedo traduziram os sentimentos elevados de sua extremosa mãe, dando assim uma boa prova dos exemplos e educação religiosa que ella lhes havia dado. Deixou além d'estes outros que são como espelhos onde seu pae vê sua chorada esposa.

Sirva-lhe isso de allivio á sua magua.—Depois de muitos momentos d'alegria entremeados de alguns dissabores entregou esta senhora a alma a Deus ás 5 horas da tarde do dia 28 de janeiro de 1886, ficando seu corpo depositado para ser orvalhado pelas lagrimas do seu consorte e filhos que tanto amavam e para receber o ultimo adeus de tantas pessoas que eram suas ami-

gas e a muitas das quaes ella matou muitas vezes a fome, até que no dia 31 se foi abraçar com a terra, descansando assim dos muitos trabalhos e fadigas d'esta vida. *Requiescat in pace.* Amen.

A' sua familia, especialmente aos meus collegas parentes e amigos os Revd.^{mos} Snrs. João Iliplyto Martins Capella e Manuel José Martins Capella, aquelle perfeito no Seminario dos Apostolos S. Pedro e S. Paulo em Braga e este professor de sciencias no collegio do Espirito Santo em a mesma cidade, envia d'aqui os seus sinceros pesames um amigo affectuoso e primo, e sente não poder assistir ao acto do enterramento de sua saudosa mãe, porque está longe e só no dia 3 de fevereiro teve conhecimento d'esse facto, facto este que lhe enlutou a alma e acruiciou o coração por ver a dor em uma familia de quem confesso ser amigo e mesmo porque avivou em seu coração uma saudade encoberto com as cinzas do tempo, mas que ainda me tritura a alma

Mãel... Esse nome é indelevel na memoria. E, se não fora a lembrança que a fé nos dá de que um dia nos havemos de tornar a ver todos, a vida seria um impossivel. Porisso peço a todas as persons feridas por tão penetrante dor conformidade com os altos juizes de Deus. A lei é geral, e porisso cedo ou tarde todos experimentam esse flagello.

E tu, anjo da caridade que voaste ao seio do teu Creador, não te esqueças de quem cá na terra ficou sem sua protecção, enquanto que eu peço a todos os leitores que por teu descanso orem ao todo Poderoso. *Pater Noster. Ave Maria. Requiem aeternam dona ei Domine.*

Guimarães, 6 de fevereiro de 1886.

O Commissario da V. O. T.

Padre João Severino Dias.

RETROSPECTO DA QUINZENA

TIVEMOS o gosto de cumprimentar o antigo assignante da nossa Revista, o Revd.^{mo} Snr. Abbade Francisco Maciel da Costa, que parochiara a freguezia de Carvoeiro e hoje pastorêa a de Santo Adrião de Vizella.

Felicitemo-nos com os povos d'esta ultima.

Do nosso presado collega de Angra do Heroismo, o «Catholico», transcrevemos o seguinte, que irá encher de santa alegria o coração de todos os nossos leitores, assim como a nós nos causou todo o prazer que nos trazem as mais gratas noticias:

«De todos os recantos da Diocese d'Angra vae subir ao Ceo um hymno unisono de acção de graças ao Senhor, pelas melhoras que acaba de experimentar o nosso querido e disvellado Pastor, na assustadora doença de que ultimamente foi victima!

No estado de abatimento e doença em que vive, ha annos, o Ex.^{mo} e Revd.^{mo} Snr. Bispo, não podia deixar de ser motivo de afflictivo susto para os seus queridos diocesanos, que tanto o amam e veneram, o saberem que o venerando Prelado tinha sido accommettido por uma assustadora febre, que, felizmente, foi completamente debellada, desapparecendo inteiramente o perigo que tanto martyrisou o seu vasto rebanho!

Deo Gratias!

A Diocese d'Angra ainda não perdeu o seu bom Pastor, e esperamos na Misericordia Divina,—que por muitos annos ainda veremos, sentada na cadeira episcopal da santa Igreja açoriana, o Prelado querido e amado que tanto tem trabalhado pela sanctificação do seu numeroso rebanho.

E n'esta grave doença, porque aprouve a Deus Nosso Senhor fazer passar Sua Exc.^a Rev.^{ma}, conheceu-se mais uma vez como os bons fieis açorianos sabem presar, estimar e venerar o seu primeiro pastor. Desde as classes mais elevadas até aos simples filhos do povo, todos á porfia procuraram dar as mais significativas demonstraões de quão cara lhes é a vida preciosa do seu bom Pastor.

Do intimo d'alma nos congratulamos com todos os nossos leitores e assignantes, com todos os bons açorianos, pelas melhoras do nosso venerando Prelado.

Corações ao Ceo!

Graças sem fim ao Senhor!»

Louvemos todos ao Senhor, dizemos nós tambem, enviando mil parabens aos povos da Diocese Açoriana e beijando internecidos o anel de S. Exc.^a Revd.^{ma}

Os povos da Madeira festejaram solemnemente o 9.º anniversario da

sagração do seu venerando Prelado, o Exc.^{mo} e Revd.^{mo} Snr. D. Manuel Agostinho Barreto, que, com amor de pae preside aos destinos d'aquella Diocese.

Muitos são os beneficios que S. Exc.^a Revd.^{ma} tem prestado á Madeira, e por isso lhe não falta o reconhecimento de todos os seus bons filhos. Embora o atheismo se declare inimigo do virtuoso Pastor, os bons filhos da Madeira, os que sabem conhecer os altos dotes que ornaram o venerando character do seu Prelado, ajoelham-se reverentes diante da figura altamente sublime do Bispo do Funchal, e apregoam suas virtudes.

Reverentes saudamos o Exc.^{mo} e Revd.^{mo} Snr. D. Manuel Agostinho Barreto, e mais uma vez pedimos ao Senhor dilate seus dias e seu governo paternal n'aquella Diocese, para esplendor da Igreja, gloria do Episcopado e felecidade de todos que o amam, que o estimam, que o admiram, como nós.

Visto que os amigos das missões andam desaforados, berrando como cabritos esfomeados, chamando jesuitas aos franciscanos, e outros nomes feios, como por exemplo: fanaticos e retrogradados, é necessario que nós, os que temos a honrosa missão de espalhar a verdade, e aparar os golpes que a libertinagem arremessa aos filhos do Senhor, não descancemos enquanto tivermos um facto que prove o que valem as missões, o que são os missionarios.

Em Beiriz, perto da Povia do Varzim, estiveram no passado mez, em missão, os Revd.^{os} Padres José Joaquim da Silva Bacellar, José de Oliveira, Manuel Carvalho, e Borges, e foi tão concorrida de fieis esta missão, que dias houve em que se juntarem mais de tres mil pessoas.

Dez padres estavam ao confessorario todos os dias sete e oito horas (ainda bem que não ultrapassaram as horas que um republicano quiz que os operarios do Estado trabalhassem) e apesar d'isto, e durante duas semanas, não foi possivel alliviar todas as pessoas que queriam confessar-se.

E os resultados foram os de sempre: odios e rancores esquecidos; restituções feitas; amisades illicitas desfeitas, e a paz estabelecida em todas as casas, os bons costumes em pratica, as leis divinas, finalmente observadas.

No ultimo dia cantou-se missa solemnemente, commungaram mais de

1:500 pessoas, cantou-se o *Te-Deum-Laudamus*, a que assistiu uma multidão espantosa de gente.

Agora esperemos o resto. Vamos a ver quantas pessoas os jornaes de dez reis nos dizem que perderam o juizo com a mencionada missão! Vamos a ver!

O Snr. Barros Gomes, na Camara dos snrs. deputados, e em sessão de 27 de janeiro, referindo-se a um quadro de Rubens, que existe na igreja das Mercês, lembrou ao governo que o fizesse recolher ao museu nacional, embora seja necessario para isso *alcançar o consentimento, ou da junta de parochia ou da irmandade respectiva*.

E sua exc.^a depois de divagar largamente, porque os discursos nas camaras carecem de *guita*, acrescentou:

«Mas eu desejaria que o governo fosse mais longe n'este empenho, e que empregasse todos os esforços compatíveis com os *grandissimos recursos do thesouro*, para reunir no museu de bellas artes todos os quadros de valor que se acham espalhados pelo paiz em diferentes igrejas.....»

Não queremos contrariar os desejos do illustre deputado, pois que com elles mostra o amor que tem pelas preciosidades que se acham espalhadas pelo paiz, mostrando tambem o amor que tem pelas suas commodidades, querendo ver as *preciosidades* todas reunidas em Lisboa, para as ver sem ter o emcommodo de precorrer o paiz; mas não podemos deixar de discordar com S. Exc.^a, porque na realisação dos seus desejos vae um atropelo ao direito que todos teem de possuir nas suas localidades os objectos de arte dignos da attenção dos amadores. É de mais, o que foi feito para esta ou para aquella igreja não pôde ser d'alli retirado, embora com auctorisação, sem se commetter um... (falta-nos o termo que se emprega parlamentarmente).

Se tudo se leva para Lisboa, e se deixa o resto do reino sem cousa alguma digna de admirar-se, dentro em pouco, Portugal pôde ver-se por um canudo.

Regcitamos a ideia do Sr. Barros Gomes, porque estamos no nosso direito!

Ainda ha muita caridade por este mundo philantropico.

O nosso esclarecido collega hespanhol—«La Revista Popular» recebeu de um seu assignante seis mil reales (270:000 reis aproxima-

damente) para serem distribuidos assim:—mil para o Papa; mil para o collegio das missões de Pio IX, e quatro mil para a obra evangelizadora dos hespanhoes em Oran, a cargo das Irmãs de Santa Thereza de Jesus.

Como é consolador para uma alma que pôde fazer tanto bem como fez este benemerito da caridade christã!

Encontramos tambem n'um diario de Munich a noticia de que a Condessa Stanistain doou o seu palacio de Munich ao grande Seminario da diocese. Este palacio é um dos mais formosos da capital, possuindo tambem um esplendido jardim.

Queríamos beijar a mão da generosa condessa pelo importante donativo que fez a um Seminario catholico; mas como o não podemos fazer, damos a noticia para despertar a quem pôde, o desejo de dar.

Andava tudo atrapalhado com as propostas da fazenda apresentadas pelo governo. Nós não temos nada com estas cousas fazendarias, mas sempre queremos admirar uma das partes da proposta, a que diz respeito aos direitos de consumo.

Diz a proposta: perus e *peruas* 50 reis. Francamente achamos barato, porque mesmo no Minho, onde tudo é mais barato que em Lisboa, ninguem apanha uma *perua* tão barata.

Parabens ao governo! Foi pena cair!

Por toda a parte se vae notando a grande falta de Clero para a necessidade do culto. Ainda ha pouco nos contaram que na freguezia de Bougado, tendo fallecido o parochio e um outro ecclesiastico, ficou aquelle povo, tão costumado á frequencia da igreja, muitos domingos sem missa.

Felizmente as vozes e desejos dos povos de Bougado foram escutadas e teem hoje dois sacerdotes dignos e trabalhadores, honra do Seminario do Porto. Os Rev.^{os} Padres José Dias Padrão e Antonio Joaquim da Costa Cruz, são os dois pastores d'aquelle rebanho do Senhor, que dá graças ao Ceu por lh'os conceder depois de uma falta tão notavel.

Que Deus os conserve e conserve a fé a todos.

O nosso collega da Madeira—«A Verdade», encetou o 12.º anno a sua publicação, com o que nos

congratulamos, dando por isso mil parabens ao nosso companheiro.

Felicitemos tambem o nosso valente companheiro do Brazil — «A Aurora», por entrar no seuquarto anno, desejando que durante o qual se lhe abram novos horisontes para espriaiar por elles a fé e os ensinamentos da Igreja.

Temos sido mimoseados com a troca do excellente diario brasileiro, «A Vanguarda», que vê a luz da publicidade no Rio de Janeiro, e muito folgamos com a remessa de tal publicação, pois que ella nos dá a certeza de que o Brazil conserva ainda as tradições que lhe ligaram nossos maiores.

E' catholico, e porisso a «Folha do Povo», ascoroso papelucho de Lisboa o recebeu com as suas costumadas chufas. Um artigo que transcreveremos em breve d'aquelle nosso collega do novo mundo mostrará o quanto elle vale, e o que valem as chufas da «Folha do Povo».

Sempre que se trate de promover a maior honra e gloria de Jesus Christo, nós havemos de estar sempre promptos para ajudar qualquer empreendimento que tenda para esse fim grandioso e justo. E' por isso que abraçando a ideia do Revd.^{mo} Snr. Padre José Pedro Lopes Pinto, nos tornamos ecco dos seus desejos, e imploramos de todas as pessoas que possam, o obulo do seu amor para com Jesus Sacramentado.

O Revd.^{mo} ecclesiastico a que nos referimos, vendo pouco dignamente collocado o Santissimo Sacramento da sua freguezia, em virtude das obras a que se anda procedendo na igreja, obras que por muito tempo se prolongaram, attendendo aos poucos mais que ha para tal fim, deseja erguer um altar condigno a tão Augustissimo Sacramento, mas quer fazel-o á custa dos bons catholicos, porque a elle lhe falta em dinheiro, o que lhe sobra em bons desejos.

A igreja a que se destina a obra é de Nossa Senhora da Piedade, parochial de Villa Nova de Ourem.

Imploramos, pois, da piedade e bons sentimentos dos nossos bondosos assignantes qualquer donativo para o mencionado fim, o qual pôde ser dirigido ao muito Revd.^{mo} Reitor, José Pedro Lopes Pinto, em Villa Nova de Ourem, ou então á redacção do «Progresso Catholico».

J. de Freitas.